

O PERCURSO DA CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE CORPO PARA A PSICANÁLISE DE FREUD E PARA A PSICOLOGIA JUNGUIANA¹

Verônica Calderano Rezende²

Anna Costa Ribeiro Riani³

Luiz Guilherme Mafle Duarte⁴

RESUMO:

Esse artigo tem como finalidade discorrer sobre como o corpo é visto pela Psicanálise Freudiana e pela Psicologia Junguiana, visando alcançar com maior clareza pontos de congruência e pontos de divergência nas respectivas abordagens teóricas. Para tanto, será traçado um percurso histórico e teórico a respeito da construção psíquica da ideia de corpo nas duas teorias. Os elementos significativos para o avanço da ciência psicológica e a forma com que o cuidado no contexto clínico ocorre, abrangendo aspectos culturais advindos da construção do pensamento racional dando destaque aos aspectos biológicos, pulsionais, instintuais e das catexias. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo pesquisar como as respectivas abordagens estabelecem a construção da ideia de corpo e como tal concepção corrobora para a compreensão de que não há cisão entre estrutura psíquica e corpórea. Com o intuito de atingir o propósito desse estudo escolheu-se desenvolver uma revisão de narrativa de leitura.

Palavras-chave: Corpo. Psicanálise. Freud. Psicologia Analítica. Jung

THE JOURNEY OF THE CONSTITUTION OF THE BODY CONCEPT FOR FREUD'S PSYCHOANALYSIS AND FOR JUNGIAN PSYCHOLOGY

ABSTRACT:

This article aims to discuss how the body is seen by Psychoanalysis and Jungian Psychology, aiming to reach more clearly points of congruence and divergence in their theoretical approaches. To do so, a historical course will be traced regarding the psychic construction of the idea of the body. The significant elements for the advancement of psychological science and how care in the clinical context occurs, by covering cultural aspects that arise from the construction of rational thought, highlighting the biological, pulsion, instinctual, and cathexis. Therefore, this study aims

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia da Uniacademia na Linha de Pesquisa História da Psicologia e seus aspectos filosóficos. Recebido em 13/11/2022 e aprovado, após reformulações, em 30/11/2022.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia.

³ Pós doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente do curso de Psicologia da Uniacademia.

⁴ Pós doutorando em Psicologia pela Universidade de São João Del Rey (UFSJ). Docente do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte.

to research how the respective approaches establish the construction of the idea of the body and how such a conception corroborates the understanding that there is no division between psychic and corporeal structure. To achieve the aim of this study, it was chosen to develop a narrative of a reading review, contributing to the discussion of the theme.

Keywords: Body. Psychoanalysis. Freud. Analytical Psychology. Jung.

1 INTRODUÇÃO

A humanidade está sob a influência da mudança de paradigma nas diversas áreas do conhecimento. Segundo Kuhn, os paradigmas são “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência [...]” (KHUN, 1998, p.13). A transição da modernidade para o modo de conceber a realidade psíquica das experiências atravessadas pelo pensamento complexo transdisciplinar, observado através do afastamento do modelo científico determinista na apreensão da relação corpo-mente, gera uma alteração na forma de sentir e agir no mundo.

Vigora-se assim na sociedade devido ao condicionamento histórico-cultural a forma cindida de enxergar a integralidade corpo-mente, que pode ser vista como uma das dicotomias modernas. Este modo extremado fruto do paradigma cartesiano se desenvolveu após a elaboração da divisão entre *res cogita* e *res extensa* desenvolvido por René Descartes. A expressão modernidade cindida símbolo-mor do filósofo abrevia as acusações que perduram ao longo dos anos. No livro *O Erro de Descartes*, escrito por Antônio Damásio tem como objetivo superar essa concepção ao suspeitar “existir um elo, em termos anatômicos e funcionais entre razão e sentimentos e entre esses e o corpo” (DAMÁSIO, 1996, p. 276), Descartes assim, propôs o dualismo das substâncias, ou seja, o espírito e o corpo seriam elementos diferentes capazes de constituir uma realidade indivisível.

Dessa maneira, perante uma sociedade que está submetida a processos de intensas mudanças é possível questionar como o corpo sofre os impactos dessas transformações a partir do que seria o psíquico para a Psicanálise e para a Psicologia Junguiana.

Deste modo, a busca por outro elemento capaz de superar a dualidade desse pensamento ganha magnitude através do paradigma da complexidade apresentado por Edgar Morin. O pensamento complexo “é o pensamento capaz de reunir (complexas: aquilo que é tecido conjuntamente), de contextualizar, de globalizar, mas ao mesmo tempo, capaz de reconhecer o singular, o individual, o concreto” (MORIN; MOIGNE, 2000, p. 207). Assim o antropólogo introduz a atividade pensante como teorias diversas que autorizam e dão possibilidade ao sujeito de alcançar o conhecimento a devir.

O mundo é visto como o progresso do conhecimento, já que para o autor, é impossível dissociar os fenômenos como totalidade orgânica, por conseguinte, é revelado o desconhecido, o misterioso. Com o tempo, surgem mudanças nas ciências, advindas da descoberta humana, da impossibilidade de fazer oposição à natureza, o que evidencia a urgência de integrar-se criativamente à cultura.

Nesse contexto, observa-se que o corpo estudado pelas Ciências Biológicas e o corpo estudado pela Psicanálise Freudiana e pela Psicologia Junguiana não é o mesmo. Para as abordagens, psicológicas citadas o funcionamento do psiquismo depende tanto do corpo biológico quanto de suas representações psíquicas.

Desse modo, tratando-se de uma perspectiva psicodinâmica o artigo em questão visa ampliar a discussão do corpo, levando em consideração a percepção do corpo fisiológico ao corpo simbólico, local no qual o ser humano habita. O corpo como símbolo presume significados apontando para processos mentais do desenvolvimento humano, fazendo menção ao inconsciente já que toda manifestação psicológica pode atuar sob a característica simbólica. Jung defende que os processos psíquicos e os processos vitais existem em relação (JUNG, 1991a, p. 33). Para tanto, Jung apresenta a ideia de que os processos fisiológicos e os psíquicos compõem o mesmo aspecto de sua complexidade operacional. Logo, um dos objetos desse artigo é corroborar para a compreensão de que não há cisão entre estrutura psíquica e corpórea.

Com a finalidade de fomentar os debates de como ocorre a construção psíquica da imagem no corpo, objetiva-se realizar uma leitura interna às obras dos autores escolhidos, questionando a concordância e divergência entre Freud e Jung a partir de como é visto o corpo para ambos os teóricos. Como é sabido, nota-se que na academia fala-se pouco a respeito das divergências e afinidades entre os autores.

Para tanto busca-se com esse trabalho diminuir a distância entre os pioneiros do desenvolvimento da linha de pesquisa psicodinâmica.

Na primeira parte desse artigo será apresentada de forma breve quem foi Freud e quem foi Jung quando se conheceram e suas principais contribuições. Assim, embasado na Psicanálise e na Psicologia Analítica serão apresentados os argumentos de como ambas as teorias enxergam a construção psíquica do corpo. Logo, o que se pretende não é ter uma expansão acabada dos conceitos apresentados pelos respectivos autores, porque esses conceitos exigem sempre mais um aprofundamento. É importante assim, ter clareza de que se torna fundamental investigá-los, a fim de não corroborar, para uma pesquisa fechada, mas sim contribuir para a construção de uma pesquisa inacabada. Para tanto, sequencialmente será apontado, primeiramente sobre Psicanálise Freudiana seguido da Psicologia Junguiana.

2 FREUD E JUNG

A Psicanálise foi sistematizada pelo médico neurologista Sigmund Freud na segunda metade do século XIX, expandindo-se até os tempos atuais no século XXI. Influenciado pela crença na ciência racional, seus estudos foram sobre os fenômenos psíquicos, buscando-se compreender a relação do sujeito com o seu próprio corpo, a fim de descobrir as causas do adoecimento psíquico que não mantinham relação anatômica ou fisiológica enquanto marcador orgânico.

Nascido em Freiberg, na região da Morávia, Freud obteve sua formação médica na Universidade de Viena, cidade essa que passou a residir desde muito novo. Sua contribuição científica extrapolou as características finalistas e mecanicistas da época. A psicanálise assim, sempre atuou como fomentadora da revolução científica, porém como o objeto de estudo é a subjetividade humana e como nessa época perdurava o racionalismo, o grande desafio de Freud era alcançar uma compreensão objetiva e generalista. Sua formação ocorreu em um ambiente positivista e cientificista como saber supremo, o que o impulsionou na elaboração do Projeto para uma Psicologia Científica (1895). Seu desenvolvimento visava “estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural, isto é, representar os processos psíquicos como

processos quantitativamente determinados de partículas materiais específicas” (FREUD, 1976). Dessa forma, Freud almejava explicar como se formava o aparelho psíquico, considerando a biologia evolutiva e as leis da termodinâmica (BROOK, 1998).

Como já apresentado, a tradição dualista cartesiana, aponta para um eterno conflito, uma vez que é responsável por admitir a coexistência de realidades contrárias entre si, como por exemplo, o que venha ser o corpo e a alma. Nesse sentido, Freud ao desenvolver a sua teoria busca compreender o que é o aparelho psíquico. Para tanto, é necessário deixar claro que a utilização do termo empregado, “aparelho” refere-se à tentativa de estabelecer uma organização psíquica dividida em sistemas ou instâncias. O modelo de operação apresentado considera os processos psíquicos como percepção, alucinação, consciência, sonhos e histeria. O carecimento humano das necessidades biológicas indica segundo Coutinho (2004) a função simbólica dos processos psíquicos. Porquanto, a Psicanálise interessa-se pela singularidade humana, a escuta da verdade do sujeito, voltando-se para a experiência do desejo rejeitada pelo racionalismo.

Partindo assim, da concepção de que o sistema psíquico é composto por uma rede de neurônios que transforma energia, capaz de proporcionar o funcionamento psíquico e que o mesmo é o detentor de funções específicas interligadas entre si, Freud apresenta o inconsciente como um lugar psíquico, com conteúdos e mecanismos repletos de energia. Dessa forma, no texto *A Interpretação dos Sonhos*, Freud construiria o que veio a ser a primeira tópica, sendo o ponto crucial em que o pressuposto neuropsicológico inicial, contido nos anos últimos do século XIX teria sido abandonado. Partindo assim da concepção de Fechner que defendia que o mundo físico e o mundo psicológico eram reflexos diferentes da mesma realidade. Fechner, buscou desenvolver um método científico de estudo das relações entre corpo e mente (FECHNER, 1860).

A partir disso, Freud orientou a preparação, da montagem do aparelho psíquico, introduzindo a noção de localidade psíquica expressa primeiramente na representação anatômica. Somente em segundo momento, houve a restrição, culminando em uma descrição apenas psicológica. Essa decisão se deu pelo fato de corresponder o psíquico no anatômico, seria retornar ao localizacionismo criticado em

seu trabalho sobre as afasias em 1891. Freud percebeu na Teoria das Localizações Cerebrais sua insuficiência, uma vez que, levava a prever a existência de síndromes não percebidas na prática clínica. Nesse sentido, Freud (1979), se dispôs a investigar os distúrbios de linguagem visando compreender o que os mesmos ensinam sobre a função do aparelho de linguagem. A crítica apresentada se dava a uma abordagem mecanicista do psiquismo assegurado por um epifenômeno do funcionamento nervoso.

Nesse sentido, Freud transcreveu tópicas, a fim de explicar o funcionamento do modelo desenvolvido. A primeira tópica, conhecida como Teoria Topográfica, designa um modelo de lugares, no qual, aponta um psiquismo dividido em três instâncias nele habita um conflito de forças, desempenhadas pelo inconsciente, pelo pré-consciente e pela consciência. Freud (1897), diz que o inconsciente, corresponde à maior parte desse sistema, é a parte mais arcaica do aparelho psíquico nele estariam os elementos instintivos não acessíveis à consciência, bem como conteúdos que foram censurados e reprimidos, por não serem permitidos de serem lembrados, imbuídos de elevada carga energética. Segundo Kusnezoff (1982), o pré-consciente detém uma capacidade relativa, que seria tornar os conteúdos inconscientes sob o domínio da consciência. Já o consciente estaria localizado na região periférica do aparelho psíquico, sendo o responsável por receber informações do mundo externo e interno, ou seja, a consciência seria o resultado da dinâmica do inconsciente com o pré-consciente (GARCIA–ROZA, 2007).

Diante do fato de notar que o Modelo Topográfico apresentava limitações quanto a alguns fenômenos psíquicos, Freud cunhou o que veio a ser a segunda tópica nomeada de Modelo Estrutural ou Modelo Dinâmico apresentada no texto O ego e o id de 1923. Nesse texto, Freud apresenta a nova composição da estrutura mental. Vale destacar que o termo estrutura significa agrupamento de elementos com funções específicas que interagem constantemente e se impactam. A segunda tópica, é tida como estruturalista, pois foi por meio dela que se cristalizou a divisão da mente em três instâncias psíquicas: o id, o ego e o superego. Imbuído do objetivo de compreender a construção da subjetividade Freud percebeu o carecimento de investigar o conceito de ego. Nesse contexto, a segunda tópica representa um marco

na Teoria Psicanalítica, a continuidade do pensamento freudiano (GARCIA-ROZA, 1990).

A partir das apresentações gerais a respeito de Freud, que mais a diante será melhor aprofundado, falaremos do fundador da Psicologia Analítica e do encontro de Freud e Jung. O encontro aconteceu em 1907. Jung, devido a afinidade do pensamento científico que resultou em uma afinidade pessoal, era um colaborador de Freud.

Carl Gustav Jung nasceu em 1875, na Suíça. Formou-se em Medicina, fez residência médica em Psiquiatria onde desenvolveu a Teoria do Complexos. Se para Freud, o Complexo de Édipo é um ponto dominante na sua teoria, para Jung era apenas um dos complexos, pois para o autor existem vários complexos no psiquismo humano e o Complexo de Édipo é um dos complexos. Jung concebe o inconsciente como uma energia psíquica e essa não advém de origem sexual, um dos motivos de Freud não o aceitar dentro da Psicanálise em 1913.

Jung iniciou sua atuação no Hospital Psiquiátrico em Burgholzli localizado na cidade de Zurique no ano 1900. Decorrido 5 anos tornou-se professor universitário e médico efetivo do hospital que trabalhava. A psique para Jung é o todo e não a união das partes, já que o significado original de psique é espírito ou alma. Jung, não concebe à ideia de personalidade dividida, centrando seus estudos em pacientes esquizofrênicos. Essa ideia é fortemente sustentada a partir do momento que Jung pressupõem a existência de complexos, apontando assim para uma divisão.

Desta maneira, apoiando no conceito de Self, que corresponde ao arquétipo central, responsável por contemplar a organização e a unificação é tido como o centro virtual da psique (SILVEIRA, 1968, p.87). Ele, o Self constitui com o ego o eixo ego-self, participando da função transcendente responsável por unir os conteúdos inconscientes e conscientes, visando à totalidade da psique. Jung afirma que é “o meio pelo qual uma pessoa se torna indivíduo psicológico, isto é, uma unidade, ou um todo separado e indivisível” (JUNG, 2000, p. 388). Nota-se que essa divisão se desfaz, pois Jung acreditava assim que o homem deveria desenvolver este todo essencial atingindo a coerência, a diferenciação e a harmonia, já que para o mesmo uma personalidade dissociada é uma personalidade deformada (JUNG, 2013).

Jung concebe o psiquismo como inconsciente coletivo, inconsciente pessoal e consciência. A consciência é a única parte conhecida pelo indivíduo, extremamente importante para a vivência do que Jung nomeará de processo de individuação que corresponde ao processo de crescimento psicológico, ou seja, é o processo de diferenciação psicológica, sua intenção é desenvolver a personalidade individual (JUNG, 2013).

O processo de tornar o inconsciente em consciente ele denomina de processo de individuação que é o processo analítico. Segundo Samuels, Shorter e Plaut (1988), a pessoa que vive o processo de individuação responde-se ao mundo de forma autêntica, inteira, indivisível e diferente das outras pessoas ou da psique coletiva, uma vez que se torna segura e com autonomia.

Dessa maneira, nessa primeira parte do trabalho objetivou-se apresentar Freud e Jung, como seus principais pressupostos teóricos. Adiante será falado como cada autor fundador das respectivas abordagens concebem a ideia de constituição psíquica corporal. O primeiro a ser anunciado será Freud, seguido por Jung e por fim, será realizado um destaque nos pontos de convergência e divergência.

3 A CONSTRUÇÃO CORPORAL EM FREUD

Nesta seção será apresentada à noção Freudiana a respeito da construção teórica sobre o corpo e sua relação com o psíquico, demonstrando de que maneira o psíquico e o corpóreo estão ligados. Para tanto, faz-se elementar o desenvolvimento de alguns conceitos que vieram a ser cunhados ao longo da construção da Teoria Psicanalítica que serão apresentados no decorrer desse artigo, mas para isso acontecer será obedecida a cronologia dos trabalhos produzidos por Freud.

No ano de 1893, deu início a seus estudos sobre a vida investigativa sobre os sintomas dos seus pacientes, resultando em 1900 a publicação do seu livro “A Interpretação dos Sonhos” e em outra importante obra publicada em 1950, porém escrita em 1895, foi “O Projeto de uma Psicologia Científica”. Estes dois textos, juntamente com “O ego e o id”, de 1923, são de fundamental importância na discussão do nosso tema.

Antes de dar prosseguimento vale destacar como já anunciado, que a

Psicanálise deriva de uma estrutura científica e neuronal. Sendo assim, imbuído de curiosidade a respeito de casos clínicos de pacientes histéricas, Freud refletia sobre o adoecimento que não apresentava uma etiologia orgânica determinada, responsável por causar alvoroço entre os médicos do final do século XIX. Os médicos pesquisadores buscavam compreender o fenômeno através da neurologia, mas não obtinham sucesso (GILL, 1976).

Assim, Freud no texto sobre “A Concepção das Afasias”, de 1891, irá deixar claro que as afasias remetem a construção de um aparelho psíquico estabelecido em um aparelho de linguagem, que abarca várias representações. Para tanto, nessa investigação, a parafasia definida como “um distúrbio da linguagem no qual a palavra adequada é substituída por uma mais inadequada, a qual, no entanto, sempre mantém uma certa relação com a palavra correta” (FREUD, 1979, p. 37). Dessa forma possui ligação com os atos falhos, ou seja, a partir da representação “o sintoma histérico é entendido como uma forma de afasia, a afasia assimbólica” (GABBI, 1991, p. 197).

No texto de 1891, Freud, ao ser convidado para escrever um verbete sobre o conceito de afasia para a neurologia, apresenta seus primeiros pensamentos sobre o aparelho de linguagem, antecipando diversos argumentos sobre o que mais tarde, seria entendido como aparelho psíquico. Mais adiante, em 1895, no texto Projeto para uma psicologia científica, o autor apresenta seus argumentos neurológicos para as afecções histéricas, complementando o texto de 1891. Todo o aporte neuronal da Psicanálise, podemos dizer que estão apresentados em 1895, mas publicados em 1950. A noção de inconsciente apresentada nestes textos ainda é incipiente para a noção que Freud apresentará em 1900, quando alguns conceitos como o afeto e a ligação dele com a libido, aparecerão.

O afeto, para a teoria psicanalítica diz de parcelas de energia presentes nos modelos organicistas e naturalistas. Dessa forma, o afeto implica em uma representação psíquica corporal. Freud (1996a), irá alicerçar a “reação energética” (p.43) e a descarga dos afetos (p.44) nas condições de resistência. Freud em 1923 no texto Estudos sobre a histeria irá dizer:

Desde o início, o fator afeto foi trazido para o primeiro plano: os sintomas histéricos (..) surgiram quando um processo mental com pesada carga emocional era de alguma maneira impedido de nivelar-se ao longo do

caminho normal que conduz à consciência e ao movimento (FREUD, 1923, p. 254, grifo do autor, tradução nossa).

A Psicanálise, deste modo, surge almejando compreender demonstrações históricas por meio do conflito psíquico de cunho sexual, e não de uma determinação orgânica, contentando-se à ciência da época. Todavia, a rivalidade corpo x psiquismo é colocado em xeque, haja vista que, o mesmo sofre influência da sexualidade e da linguagem, ou seja, não se restringe aos domínios anatômicos e biológicos.

Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação entre afeto e linguagem, já que a linguagem é uma das formas possíveis de representar o afeto. Assim, a discursivização do afeto apresenta-se através de formas diversas, como por exemplo, o aparecimento através do padecimento sintomatológico. Entretanto, Freud concluiu que o sintoma não era sinal de uma doença, mas sim da expressão particular resultante de um conflito psíquico, ou seja, o corpo adoecido é porta voz do sofrimento. Freud defendia que o sintoma é detentor de um sentido inconsciente, correlacionado às experiências sexuais amparados pelas fantasias infantis. Sendo assim, o sintoma histórico possui uma ligação à sexualidade, atuação intensa, inadmissível ao eu, que sofre do mecanismo de conversão corporal (FREUD, 1996a).

Logo, Freud legitimou um tratamento para a angústia e os sintomas pela via da palavra que constitui como um corpo libidinal, crendo que se o humano adocece pelas palavras, pode também se curar por esse meio. Dessa forma, a angústia corresponde ao acúmulo de excitação somática de natureza sexual que seria acompanhada de um decréscimo da participação psíquica nos processos sexuais (FREUD, 1976). É preciso deixar claro que para Freud a sexualidade não é a libido, os fenômenos observados relacionados à vida sexual estão associados à energia psíquica, ou seja, a energia das pulsões sexuais, diferenciando do que seria os instintos sexuais, ou seja, as pulsões não podem ser reduzidas à simples manifestações dos repertórios sexuais como cópula e masturbação trata-se do impulso energizado pela libido.

Além disso, destaca-se o conceito de pulsão que está localizada na fronteira do psíquico e do somático, gerado pelos procedimentos internos do ser vivo. Para tanto, o caráter fronteiriço apresenta-se na expressão psíquica por meio da representação da ideia e por meio do afeto (GARCIA-ROZA, 1994). De acordo com Winograd e Machado (2007), o afeto equivale à variação corporal e psíquica que será

assimilado na consciência. O afeto engloba o que passa no indivíduo, o modo como é percebido e compreendido os eventos, assim ele é visto como forma final da pulsão. As pulsões sexuais são assim, causa psíquica originária dos fenômenos atuantes na psique.

A teoria da libido, conforme já apresentada, constitui-se de forças psíquicas que correspondem às pulsões, associadas às energias de caráter sexual. O conceito de pulsão sexual juntamente com a ideia decorrida de sexualidade infantil em 1905, presente no artigo Três ensaios sobre a sexualidade, intensifica os debates a respeito do corpo, uma vez que a ela deixa de estar limitada a reprodução. Como o corpo é constituído por zonas erógenas representação iniciada na infância que atua como investimento libidinal na fase adulta, é inadmissível ver o corpo dissociado do conceito de pulsão. Para tanto, o investimento libidinal realizado por meio do toque físico pelos cuidadores primordiais, por exemplo, é fundamental no progresso da construção da imagem do corpo como também na vivência do prazer ou desprazer. A partir da experiência com o outro e com o mundo são impressas marcas que compõem o registro simbólico.

Dessa maneira, o desprazer está relacionado ao um aumento da tensão do aparelho psíquico. Segundo Bergeret (1998), o Princípio do Prazer visto como um direcionamento de energia ou uma descarga pulsional visa atingir a satisfação desejada, porém é preciso estar ciente que isso não será completamente atingido devido às frustrações internas próprias de qualquer indivíduo, como por conta de questões socioculturais, manifestado através do Princípio da Realidade, envolvendo questões éticas e morais frente aos seus desejos. Nesse sentido, o prazer estaria relacionado à diminuição da tensão, ou seja, todo o funcionamento mental estaria voltado para minimizar o desprazer e gerar o prazer, estando regido pelo que Princípio do Prazer (FREUD, 1969).

Assim sendo, o corpo pode ser visto a partir de significados diferentes segundo o contexto. Dessa maneira, o primeiro dualismo pulsional aponta a pulsão do Ego x pulsão sexual, ou seja, engloba o campo representacional, pois o corpo é atravessado pela energia sexual permitindo que os sintomas histéricos sejam descobertos por meio do método associação livre. Já no segundo dualismo, a concepção corporal não se restringe a representação, ele se amplia através da pulsão de vida e pulsão de morte.

A pulsão de vida busca o investimento e a unificação. No texto O Ego e o Id, Freud (1996b) defende que a pulsão de vida necessita encontrar modos de manter a vida. Em contra partida é necessário direcionar a pulsão de morte para fora do organismo, evitando a destruição, uma vez que a pulsão de morte estaria voltada à descatexização, à inanição e à diminuição da excitação. A pulsão de morte agiria, então, buscando a desintegração que leva o sujeito a um “estado de estabilidade inorgânico” (FREUD, 1996c, p. 181), com o escoamento total da energia livre, retornando ao prazer absoluto onde não haveria variação tensional.

Para tanto, Freud apresenta a importância do corpo na constituição do psiquismo. O autor irá dizer no seu texto O ego e o id, que “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal” (FREUD, 1996b, p.41), defendendo que o mesmo é tido como uma projeção da superfície corpórea ao simbolizar o aparelho mental. Cada categoria tem funções específicas, estando interligadas, como já apresentado no capítulo anterior deste artigo. O ego apresentado por Freud é a projeção mental da superfície do corpo, para tanto o ego corporal atua na construção do psiquismo, sendo necessário um corpo que zele pelos conteúdos físicos e ensine ao ego abarcar conteúdos psíquicos.

Todavia, é fundamental construir uma pele psíquica. A declaração de Freud de 1923 significa que o ego corporal abrange elementos corporais e instrui o ego psíquico a abarcar sentimentos e sensações.

Nesse sentido, o autor francês Didier Anzieu (1988), define o conceito Eu-pele a partir do suporte instalado no conceito de envelope corporal, inicialmente representado pela mãe do bebê, depois disso cria-se um envelope externo permitido pela mãe que o bebê crie o seu próprio. As funções do Eu-pele estão a serviço da pulsão de apego e depois da pulsão libidinal, elas são: função manutenção do psiquismo, função continente, função de estrutura virtual, função de individualização do self, função de intersensorialidade, função de superfície de sustentação da excitação sexual, função de recarga libidinal, função de inscrição de traços sensoriais táteis, função tóxica.

Logo, o Id contém o inconsciente, sendo o reservatório da pulsão, nele perdura a desorganização e o caos caracterizado como a “sede das paixões indomadas” (ROUDINESCO, 1999). O Ego inclui o sistema perceptivo, ele é o lugar da recepção

mnêmica das palavras e do toque. Já o superego, seria portador do ideal do ego à proibição e ordem, além da função repressora, sendo beneficiário do Complexo de Édipo, apresentado no texto O Narcisismo de 1914. Nesse texto, Freud (1974), afirma que o narcisismo é o elemento constitutivo do amor-próprio e da autoestima, por conseguinte, direcionado à autopreservação e a consolidação de vínculos sociais.

Outrossim, envolvido do objetivo do presente trabalho, o próximo segmento almeja realizar um estudo de como o corpo é compreendido pela Psicologia Analítica.

4 A IMAGEM DO CORPO SEGUNDO JUNG

Dando prosseguimento à discussão a respeito do corpo, nesse capítulo será abordado como é concebido a imagem corporal na Psicologia Analítica. Para ter melhor compreensão sobre o assunto é necessário ter claro os seguintes conceitos arquétipo, instinto, sombra⁵ e função psicóide.

Antes de apresentar os conceitos citados acima é preciso lembrar que Jung (1986) ao publicar o livro “Símbolos da Transformação” apresenta a diferença da sua teoria em relação a Psicanálise. Jung, nessa obra amplia o conceito de libido, concebido como energia psíquica geral e não exclusivamente como energia sexual, para tal, o autor defende que a psique e o inconsciente se modificam, uma vez que, a humanidade é detentora do que será nomeado de arquétipos.

Dessa maneira, Jung dá o nome de função psicóide o encontro do arquétipo com o corpo. É importante estar ciente disso para compreender a diferenciação que Jung faz das imagens fenomênicas como formas de instinto, afinal, o autor buscava se esquivar da concepção de que as imagens arquetípicas fossem concebidas como reflexos dos impulsos biológicos.

Por conseguinte, Jung (1981) irá dizer que o arquétipo é uma energia do inconsciente coletivo que ao entrar no psiquismo forma uma imagem, uma imagem

⁵ O termo Sombra é o material reprimido da consciência tido como sede do Mal, extremamente relevante para a vivência do processo de individuação e humanização, já que nela encontra-se fixados símbolos e funções elementares à vida, ou seja, a Sombra, corresponde ao centro do Inconsciente Pessoal (JUNG, 1981). A Sombra para Jung foi classificada como um dos principais arquétipos, entende-se assim como um conjunto de estruturas inatas e herdadas do inconsciente coletivo, que servem para dar sentido à existência (JUNG, 1996).

arquetípica, isto é, uma imagem herdada da humanidade, ganhando destaque em experiências universais como nascimento, ritos de passagem, casamento, maternidade/paternidade e morte.

Vale destacar que os padrões arquetípicos se manifestam a partir de uma circunstância crítica, gerando a atualização dos conteúdos da psique. Jung (1991), “afirma que a imagem é uma expressão concentrada da situação psíquica como um todo” “tanto o inconsciente quanto o consciente”, através dos símbolos, dos mitos, das expressões religiosas, das produções artísticas, dos delírios, dos êxtases e das imagens oníricas.

Segundo a junguiana Verena Kast (2016, p. 29), o corpo é o lugar onde as emoções se tornam acessíveis às experiências, ele é o “lugar em que a identidade se manifesta”, “o corpo se apresenta como algo confiável em um mundo pouco confiável”. Vale lembrar que nas Obras Completas de Jung, o corpo é apresentado como símbolo da realidade psíquica ou de algum complexo, ademais, Jung fala do corpo como indicador da exigência de reunir percepções intuitivas na realidade diária, ou seja, o corpo é a alma coagulada.

Jung ao desenvolver o conceito de complexos defende que são dotados de energia própria, podendo assim, controlar o comportamento, o sentimento e o pensamento, para tanto, Jung diz: “uma pessoa não tem um complexo: o complexo que o tem” (JUNG, 1991a, p. 36). É sabido que o inconsciente opera na função de organizar e reorganizar seus conteúdos (JUNG, 1981), ao agir inconscientemente, o sujeito detém maior chance de ser governado pelos complexos.

Destaca-se que os complexos são constituintes da psique humana, fonte das emoções, ou seja, são concebidos como alicerces da vida psíquica. No texto Considerações gerais sobre a teoria dos complexos (1934), Jung associa a teoria dos complexos com a teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo, é entendido como lugar de propensão à constituição de imagens primordiais originadas na história e no devir da vivência humana. Logo, “os instintos e os arquétipos formam conjuntamente o inconsciente coletivo”, constituídos “de conteúdos universais e uniformes onde quer que ocorram” (JUNG, 1991b, p. 77).

Segundo Jung (2013), o instinto humano é a manifestação da vida, do caráter manifestado no psíquico e no fisiológico, pertencendo a funções conservadoras que

são de difícil modificação, ou seja, a base instintiva da psique seria assim construída através das pré-disposições herdadas. O instinto tem suas raízes no físico, ele acessa o psíquico por meio da pulsão, pensamento, memória, fantasia e emoção. Nesse sentido, Jung desenvolveu uma teoria chamada da psiquização do instinto (JUNG, 2013), ela trata de como pode ser traduzido ao nível psíquico o instinto biológico, permitindo assim, estabelecer a diferença entre a libido instintiva corporal e psíquica. O instinto corporal para Jung possui uma direção única, ou seja, a sexualidade visa assim apenas à reprodução, já quando a nível psíquico ela representa significados diversos, tais como o encontro com o outro e a autorrealização por exemplo.

Jung certificou a natureza psicofísica de alguns complexos através do teste de associação de palavras, deste modo promove-se a autoconsciência com o objetivo de realizar o processo de individuação, movimento esse de circum-ambulação, que preza por um novo patamar psíquico, indo ao encontro do self, ao afirmar que este é “o meio pelo qual uma pessoa se torna um indivíduo psicológico, isto é, uma unidade, ou um todo separado e indivisível” (JUNG, 1940/ 2000, p. 244).

Na identidade corpo-psique, os arquétipos são todos psicóides, resultando assim na reunião das funções mnêmicas do corpo e do sistema nervoso, direcionadas a uma finalidade. A psique e a matéria assim, encontram-se e constituem-se mutuamente. Jung (1991b), diz:

Como a psique e a matéria estão encerradas em um só e mesmo mundo, e, além disso, se acham permanentemente em contato entre si, e em última análise, se assentam em fatores irrepresentáveis, há, não só a possibilidade, mas até mesmo uma certa possibilidade de que a matéria e a psique sejam dois aspectos diferentes de uma só e a mesma coisa (JUNG, 1991b, p.152).

Nesse sentido, o corpo apresenta-se como símbolo presumindo significados, segundo Jung (1986, p. 11) direciona para o desconhecido, “aponta para fora de si”, fazendo menção ao inconsciente já que “não há um conteúdo consciente que não seja também inconsciente sob outro aspecto”, percebe-se deste modo, que toda manifestação psicológica pode atuar sob a característica simbólica. Em acordo com essa afirmativa Jacobi (1991), fala que apesar das variadas noções e interpretações, o símbolo aponta para uma profundidade, ou seja, o símbolo requer a corporeidade para acomodar as sensações e integrar as significações no campo da consciência.

Dessa forma, como o corpo é o primeiro lugar onde acomodamos as experiências, torna-se elementar aos indivíduos terem condições para contemplar e entrar em relação dialética com o que lhes acontecem.

Jung (2013), por sua vez, aponta para o fato de não ser do agrado do humano o aspecto da Sombra, segundo o estudioso, muitas pessoas perderam essa terceira dimensão e com a perda da sombra, perderam o corpo. Porém, no livro “Psicologia e religião” Jung afirmará que o corpo é a Sombra ao analisar o simbolismo da trindade, ou seja, o corpo pode ser considerado como o diabo construído pela cultura cristã como também sustentado pelo humano como uma verdade já que se apresenta como realidade psíquica, assim sendo Jung afirma:

O corpo é o amigo mais duvidoso, porque produz coisas que não apreciamos: há coisas demais sobre a personificação dessa sombra do ego. Às vezes, funciona como o esqueleto no armário e, naturalmente, todos querem livrar-se de uma coisa assim (JUNG, 2013, p.11).

Estabelecido a relação entre arquétipos e instintos, sendo o arquétipo pertencente ao mundo psíquico e material, Jung cria conceito de instinto psiquificado. O instinto assim, tem possibilidade de sofrer psiquificação, ou seja, capaz de apresentar-lhe sobre outras formas, a exemplo no corpo. Segundo Jung (1991a, p. 46), “o instinto como fenômeno psíquico seria (...) uma assimilação do estímulo a uma estrutura psíquica complexa que eu chamo de psiquificação”. Todavia, o aparato psíquico lida com “impulsos” atuando como instinto ou pulsão, sofrendo influência do que venha ser o aspecto sociocultural, já que, o instinto é variável e suscetível a diversos destinos.

Dessa maneira, o instinto psiquificado atende a imagem do corpo-psique, no qual funcionam conjuntamente. Jung (1991b, p. 78) assim, defende que a psique está em relação ao corpo sem originar-se do mesmo, para tanto diz: “tudo que se pode afirmar com alguma certeza é que os instintos possuem um aspecto fisiológico e um aspecto psicológico”.

A Psicologia Junguiana, concebe a psique e a soma sob o ponto de vista de uma mesma matriz, não havendo cisão entre a estrutura psíquica e a estrutura corporal, permitindo assimilar essa ligação como identidade corpo-psique. Sendo assim, a psique é sujeito e objeto simultaneamente, não constituindo polos opostos,

mas sim, observador e observado, podendo ser visto o corpo e a psique como unidade integrada ou como dualidade interacional

5 CONCLUSÃO

A Psicanálise Freudiana e a Psicologia Analítica possuem conceitos diferentes, porém nesse artigo buscou-se visualizar como essas teorias se complementam mesmo tendo perspectivas diferentes. Motivada por esse objetivo traçou-se um percurso histórico e teórico a respeito da construção psíquica da ideia do corpo para ambas as teorias. Assim, evidencia-se que a Psicanálise desenvolve-se buscando fundamentação no aspecto orgânico, já a Psicologia Junguiana amplia essa concepção na tentativa que abarcar a natureza que extrapola o domínio humano, uma vez que, a psique não se restringe em um lócus determinado, ou seja, a psique não se submete a uma fronteira física, como o corpo é capaz de delimitar. Para tanto, foi possível perceber que não existe separação entre o corpo e o psíquico.

Espera-se assim, desenvolver uma capacidade elaborativa das concepções de cada fundamento para um melhor desenvolvimento do trabalho analítico clínica. Além disso, diante da conceituação e identificação de conceitos fundantes esse artigo busca trazer uma reflexão e um olhar mais refinado sobre as respectivas teorias. Sendo assim, as questões apresentadas têm como propósito expressar a configuração de cenários que comprometem a saúde e o desenvolvimento dos sujeitos.

Para a Psicanálise o corpo é o ego manifestado a partir do sistema de catexias, centrada na unidade corpo psique. Já para a Psicologia Junguiana o corpo se estabelece por meio da realidade psíquica apresentando-se como símbolo. Nesse sentido, a base instintual manifesta-se no físico.

Dessa maneira deve-se lembrar de que para a Psicanálise o ego não é uma realidade pronta e acabada, mas fruto da alteridade, assim como para a Psicologia Analítica, pois o ego está envolvido em uma carga afetiva no qual todos os conteúdos conscientes se interagem.

É interessante notar como as abordagens conversam entre si, mesmo a Psicanálise, estando mais ligada no aspecto fisiológico e a Psicologia Analítica nos aspectos fenomenológicos. Ambas apresentam diferenças claras e extremamente

singulares quanto à forma de construção teórica da abordagem. Porém, é possível afirmar que existe uma perspectiva de prosseguimento psicodinâmico sob o assunto, afinal a cura pela fala, por exemplo, está presente em ambos os métodos desenvolvidos.

O corpo, para Freud, reflete a inscrição das marcas presentes nas reminiscências, por onde o ego poderá se constituir, das experiências precoces, visando alcançar a satisfação, já que é o lugar onde emerge o pulsional. A Psicologia Analítica é vista como o lugar de manifestação do coletivo que se reverbera, bem como, o lugar do mundo interno pessoal que se interagem e estão submetidos na dinâmica construtiva e destrutiva da realidade real e simbólica.

Enfim, destaca-se que o conflito psíquico manifestado no corpo adoecido aponta para um sofrimento psíquico, revelando a dinâmica da organização psíquica individual a ponto de utilizar o corpo fisiológico como via de manifestação do que atormenta.

REFERÊNCIAS

ANZIEU, D. **O Eu-pele**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

BERGERET, J. **Psicologia patológica**. Lisboa: Climepsi, 1998.

BROOK, A. Neuroscience versus psychology in Freud. **Annals of the New York Academy of Sciences**, Nova York, v. 843, n. 1, p. 66-79, 1998. Disponível em: <https://nyaspubs.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1749-6632.1998.tb08205.x>. Acesso em: 01 dez. 2022.

COUTINHO, D. **Tempo perdido e reinventado**: memória e contingência em literatura e psicanálise. 2004. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/29264/1/TESE%20FINAL.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.

DAMÁSIO A. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo. Companhia das Letras; 1996.

FECHNER, G.T. **Elemente der psychophysik**. Leipzig: Breitkopf und Härtel. 1860.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1979.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago; 1987.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 18).

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2).

FREUD, S. O ego e o Id. In: FREUD, S. **O ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.19).

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. **O ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 1).

FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade. In: FREUD, S. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v.7).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v.14).

GABBI JR., O. F. Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana. In: PRADO JR., B. (org.). **Filosofia da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 22. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

- GARCIA- ROZA, L. A. **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- GILL, M. Metapsychology is not psychology. In: GILL, M.; HOLZMAN, P. (Org.). **Psychology versus metapsychology**: psychoanalytic essays in memory of George S. Klein. Nova York: International University Press, 1976.
- JUNG, C. G. Determinantes psicológicas do comportamento humano. In: JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente**: a natureza da psique. Petrópolis: Vozes, 2013. (Obra completa de Jung, v. 8/2).
- JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- JUNG, C. G. **Consciência, inconsciente e individuação**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, C. G. Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In: JUNG, C. G. **Obras completas**. Petrópolis: Vozes, 1991a.
- JUNG, C. G. Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico. In: JUNG, C. G. **Obras completas**. Petrópolis: Vozes, 1991b.
- JUNG, C.G. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- JUNG, C. G. Instinto e inconsciente. In: JUNG, C. G. **Obras completas**. Petrópolis: Vozes, 1991c.
- JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- KAST, V. **A alma precisa de tempo**. São Paulo: Vozes, 2016.
- KUSNETZOFF, J. C. **Introdução à psicopatologia psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MORIN, E; MOIGNE, J. L. L. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis, 2000.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- WINOGRAD, M.; MACHADO, R. A importância das experiências táteis na organização psíquica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.7, n.3, p. 0-0, 2007. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n3/artigos/html/v7n3a09.htm>. Acesso em: 01 dez. 2022.